



As agriculturas indígenas na antropologia de Protásio Friel *The indigenous agricultures in the anthropology of Protásio Friel*

CADORIN JR., Mário Cesar¹; DI PIETRANTONIO, Marina²

¹ Universidade Federal de São Carlos, mario@agroecologiaviva.com.br; ² Universidade Federal de São Carlos, marina@agroecologiaviva.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O presente trabalho constitui uma revisão bibliográfica sobre os registros que fez o antropólogo e frei Protásio Friel sobre as agriculturas tradicionais indígenas (horticultura / cultivo de plantas), junto com outros temas correlatos, como relações sociais, territoriais, direito, ciclos de subsistência, cultivo de árvores de interesse econômico, economia, conhecimentos tradicionais dos solos, infraestrutura de beneficiamento etc. Para isso suas obras foram analisadas, e aquelas pertinentes ao tema, foram selecionadas, sistematizadas e descritas. As principais etnias analisadas pelo autor, no que concerne ao escopo deste trabalho, são: Mundurukú, Kayapó-Xikrin, Kahyana, Kaxuyana, Suyá (Kisêdjê) e Tiriyo. Como considerações finais, destaca-se que apesar de a técnica agrícola ser quase idêntica entre todas as etnias analisadas, cada sociedade tem particularidades que impactam fortemente a horticultura como um todo e que dessa forma criam sua singularidade.

Palavras-chave: horticultura; conhecimentos tradicionais; amazônia; roça de toco; agricultura de corte e queima; ciclo anual de subsistência.

Introdução

Protásio Friel foi um frei franciscano e antropólogo responsável por estabelecer uma zona de contato permanente com diversas etnias amazônicas, junto com a demarcação de territórios e a publicação de obras que detalham com profundidade os sistemas de cultivo de plantas indígenas. Apesar de muito importante, é um autor que só muito recentemente vem recebendo atenção de pesquisadores e da mídia. Aliado a este fenômeno, as práticas de cultivo indígenas em contextos anteriores ao estabelecimento de zonas de contato permanentes são pouco conhecidas e descritas, o que representa uma erosão na sistematização histórica destas populações.

Atualmente existem diversas iniciativas que fomentam práticas agrícolas e florestais sustentáveis em territórios tradicionais e que certamente se beneficiariam com a reconstituição destes relatos históricos na elaboração de políticas e projetos. A erosão genética é outro tema relevante a que o presente trabalho foca, tendo em vista que o autor descreveu com certa precisão botânica o rol de plantas cultivadas e utilizadas por aquelas etnias. Sua obra retrata diversos temas e abrange o período entre as décadas de 1950 e 1970, em diversas regiões da Amazônia brasileira. Objetivou-se com este trabalho organizar um material de alto valor histórico, principalmente no que tange à horticultura neotropical, e que contribua para a



preservação da memória dos povos amazônicos, como indica a antropóloga, orientada de Frikel, Lucia Hussak Van Velthem (FIORAVANTI, 2021).

Metodologia

Este trabalho constitui-se como uma revisão bibliográfica com foco para os registros das tradições agrícolas indígenas, minuciosamente descritas por Protásio Frikel, e que também abarcam, por sua vez, os ciclos de subsistência, as culturas materiais, divisões sociais do trabalho, dinâmicas de ocupação territorial, direito, cultura imaterial ritualística e cerimonial, mitos e histórias, processos de transfiguração étnica, entre outros. Tem por objetivo contextualizar, caracterizar e analisar as pesquisas realizadas por Protásio Frikel nessa temática em diferentes grupos indígenas no Brasil. Para tanto, foram consideradas suas publicações referentes às expedições realizadas junto a diferentes etnias: Mundurukú, do tronco linguístico Tupi, habitantes do Rio Cururu e redondezas (FRIKEL, 1959); Xikrín (também denominados Suyá, Djóre, Mebêngôkre-Xikrín ou Kayapó-Xikrín), povo Jê, habitante, ainda hoje, do rio Caiteté (FRIKEL, 1968; 1963); Tiriyo, etnia de tronco linguístico Karib habitante do alto rio Paru de Oeste, no Parque Indígena de Tumucumaque (FRIKEL, 1971a, 1973); Suyá ou Kisêdjê (sua autodenominação e nome mais utilizado atualmente), do tronco linguístico Jê, que habitava o rio Paranajuba (Suyá-miçu), da região do alto Xingu (FRIKEL, 1969/1972); Kahyana, do tronco linguístico Karib, que habitou o rio Kachpakúru, afluente esquerdo do rio Trombetas (FRIKEL, 1966); Kaxuyana, etnia Karib muito relacionada aos Kahyana, que habitou o médio rio Trombetas e o lado direito do afluente do baixo rio Cachorro (Kaxúru/Kachpakúru), e posteriormente se integrou à Missão Tiriyo, no alto rio Paru de Oeste (FRIKEL, 1970; 1971b; 1971c); e as etnias Waiká/Yanomamö, Tiriyo, Mundurukú, Xikrín entre outras, em uma análise preliminar de arboricultura pré-agrícola ancestral (FRIKEL, 1978).

Resultados e Discussão

Ao todo foram sistematizadas 12 obras que abordam distintas temáticas relacionadas à agricultura, divididas em seis seções, referentes às etnias analisadas ou temas interétnicos. Na seção 1 analisou-se o que Frikel descreveu sobre dois grupos da etnia Mundurukú, cujas práticas agrícolas e sociedades em geral se distinguiam principalmente devido à incorporação de influências não indígenas e à limitação territorial, que gerou uma ruptura na forma de ocupação territorial, classificada como “seminômade”. A horticultura, para ambos grupos, era praticada em grande escala e diversidade e valorizavam, de certa forma, mais esta fonte de subsistência do que as outras. Era inclusive, utilizada para fins comerciais com os regatões do rio Tapajós, expressão de sua importância. Os grupos Mundurukú estudados já tinham contato com não indígenas e caboclos há muito tempo e havia literatura científica desenvolvida, que Frikel utilizou para complementar suas observações. Nesta obra consta um registro detalhado da técnica de agricultura itinerante praticada pelos Mundurukú dos campos, que foi parcialmente descaracterizada, configurando-se uma agricultura de corte e queima sedentária, à



partir do momento em que houve a fixação permanente dos aldeamentos em uma área restrita, situação encontrada para os Mundurukú “aculturados”.

A segunda seção do trabalho refere-se a duas etnias, a dos Kahyana e Kaxúyana. Foi analisado principalmente um dos dois grupos Kahyana, e Frikel foi, possivelmente, o primeiro não indígena a ter contato amistoso. Resultante de uma estadia muito breve, a obra principal foi concluída com pouco detalhamento de Frikel. A diversidade de plantas cultivadas, cultura alimentar e fontes de subsistência foram registradas. Esta etnia era muito próxima da etnia Kaxuyana, por vezes classificada até como constituintes de uma só, contudo, devido a conflitos internos, a maior parte foi morta. O etnólogo tinha muito contato com as etnias Kaxuyana, Tiriyo e Karib em geral, que eram amplamente dispersas pela região, o que permitiu que fizesse comparações e até mesmo dialogasse com uma em relação às outras. A mandioca e seus derivados eram os produtos agrícolas principais, mas mantinham uma diversidade de plantas cultivadas expressiva, e assim era também a escala de cultivo, que garantiam o suprimento alimentar básico em períodos de escassez das outras fontes de subsistência, semelhante, neste último quesito, aos Xikrín, porém com maior diversidade de plantas e dedicação à atividade, expresso pela extensão das roças em relação ao número de habitantes. Tanto o território dos Kahyana quanto dos Xikrín era muito abundante em caça e facilitavam a pesca. A escala de cultivo bem como a diversidade de plantas Káhyana era notavelmente grande, sendo que a mandioca brava e seus subprodutos, como tucupi e goma de tapioca, eram alguns dos mais importantes produtos agrícolas (FRIKEL, 1966, pp. 27-28).

A quarta etnia analisada é a Kayapó-Xikrín (ou Mebengôkrê-Xikrín). Teve um livro inteiro dedicado a esta, além de outras obras menores. Frikel retratou o grupo Xikrín que habitava o rio Caiteté. A obra de Frikel foi uma das primeiras a retratar a etnia e aborda muitos aspectos da sociedade Xikrín. Aproveitou-se para o presente trabalho a sua análise sobre a agrobiodiversidade, ciclos de subsistência, divisão social do trabalho, cultura material, técnicas agrícolas, fontes de subsistência, economia, direito, migração e relação com o território, práticas cerimoniais, ritualísticas e religiosas e conhecimentos tradicionais dos solos. Suas áreas de roça eram pequenas, que somavam cerca de 2 ha para 140 pessoas, dada a predileção por outras fontes de subsistência, que eram fartas, apesar de se tornarem escassas em um período do ano.

De importância muito reduzida, é a obra sobre a etnia Suyá, que tratou de um tema muito específico que não retratou a horticultura senão por uma lenda da dádiva do dom do cultivo de milho e outras plantas, e suposições do autor sobre o cultivo de mandiocas de várzea. O escopo desta obra se distancia muito da temática agrícola, o que restringiu o recorte de Frikel no que tange ao presente trabalho.

Diversas etnias foram analisadas na seção 5, em um breve artigo sobre cultivo de árvores de importância econômica. Este tema direciona também à uma análise sobre os primórdios da horticultura e seu trajeto histórico entre diversas etnias



amazônicas e de outros biomas. Frikel ensaia uma teoria das fases históricas das etnias amazônicas baseada em suas práticas de horticultura (ou inexistência destas) - é uma iniciativa incipiente no que anos depois viria a constituir uma nova disciplina, a ecologia histórica, que estuda o papel do ser humano na domesticação de outros seres vivos dentro de um bioma (Clement et al., 2021). As seguintes culturas foram analisadas: taperebá (*Spondias mombin* L.); pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth); açaí (*Euterpe oleracea* Mart.); mucajá (*Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.); urucum; pequi (Provavelmente *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers. ou *C. brasiliense* Cambess.); mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes); purumã (*Pourouma guianensis* Aubl.); caju-açú; abiú (Sapotaceae, provavelmente *Pouteria caimito* [Ruiz & Pav.] Radlk.); cacau silvestre; tucumã (Provavelmente *Astrocaryum vulgare* Mart.); algaroba (*Prosopis ssp.*) (FRIKEL, 1978, pp. 45-48).

Na seção 6 foi apresentada a sociedade Tiriyo, etnia com a qual Frikel manteve maior contato ao longo de sua vida, tendo sido o responsável pelo estabelecimento de um contato permanente com a civilização. É sua obra etnográfica mais detalhada, e dela se aproveitou muitos registros para compor a análise da horticultura e esferas correlatas; como destaque, tem-se uma vasta descrição de sua cultura material, e portanto, da infraestrutura de beneficiamento dos produtos agrícolas, seus utensílios, cestaria, etc. Suas áreas de roça eram grandes, constituindo uma área por maloca, com cerca de 2 ha, e que abastecia cerca de 30 pessoas. Tinham sua base alimentar agrícola estabelecida na cultura da mandioca (brava): dela faziam beiju, tucupi, tapioca, e até uma espécie de farinha. Mantinham elevada diversidade de plantas cultivadas.

Conclusões

Esta pesquisa bibliográfica teve como tema as agriculturas indígenas registradas na obra antropológica de Protásio Frikel, que deixou um legado expressivo para a etnologia e a arqueologia, principalmente. Para isso foram analisadas as obras disponíveis no Brasil em meios digitais e físicos, e, à partir disto, selecionadas aquelas que continham conteúdo relevante, direta ou indiretamente, aos sistemas de cultivo de plantas, o que abarcou as seguintes temáticas: técnicas agrícolas, ciclos de subsistência, economia, conhecimentos tradicionais dos solos, divisão social do trabalho, cultura material, agrobiodiversidade, relações sociais, direito, práticas cerimoniais, ritualísticas e religiosas, aculturação e relações interétnicas, migração e relação com o território, entre outras.

Alguns elementos parecem distribuir-se de forma generalizada entre as tradições agrícolas de todas etnias estudadas: a agricultura itinerante, de corte, queima e coivara, o mutirão, a divisão dos trabalhos baseada principalmente nos sexos, o pau-de-cavar como ferramenta tradicional de preparo de solo, machados líticos ou metálicos como ferramenta para derruba, o terçado como ferramenta de múltiplas finalidades, repartição de produtos do trabalho coletivo para usufruto familiar/particular, ausência de técnicas de molhamento (“irrigação”) e fertilização, para além da queima da biomassa florestal, predileção pelos solos de horizonte



superficial antrópico, e, o cultivo de plantas anuais e semi-perenes nunca tido como fonte única de subsistência, apesar de assumir um papel muito distinto em cada sociedade.

Os Mundurukú tinham na horticultura uma importância comercial, que possibilitava a obtenção de diversos produtos, principalmente aqueles oriundos da civilização / industriais, além de seu sustento; os Xikrín utilizavam-na principalmente para garantir a segurança alimentar, já que era típico que faltassem produtos da caça, pesca ou coleta em um certo período do ano nas diversas regiões da bacia amazônica. Havia ainda aqueles que não comercializavam nenhum produto agrícola, mas dedicavam-se muito à atividade, como os Kahyana e Tiriyo. Especialmente nestes casos, a horticultura gerava enorme gama de produtos alimentícios, fibrosos, medicinais, cosméticos, e também matéria-prima para utensílios, como cabaças, e timbó, para pesca. O sistema que mais destoa dos outros é o dos Xikrín, tendo em vista que mantinha um período de ocupação e um arranjo de consórcios de plantas muito diferenciado, evidenciado na ocupação do roçado com plantio puro de batata-doce sucedendo a primeira safra de outros consórcios.

Novas pesquisas poderiam ser conduzidas à partir dos resultados do presente trabalho: 1) Revisões bibliográficas sobre os sistemas de cultivo de plantas de outras etnias na obra de outros antropólogos; 2) Pesquisas de mesmo caráter, contudo focadas na reconstrução da história da horticultura das etnias aqui abordadas, como já ensejado por Protásio Frikel, principalmente nas obras sobre os Tiriyo e os Mundurukú, cujo confronto das informações apresentadas por Frikel com as de outros etnólogos poderia ser também realizado – afinal, uma das principais constatações ao longo das obras de Frikel e de Ribeiro (1955) é a de que havia forte variação estacional nos ciclos de subsistência e de trabalho no bioma amazônico (florestal ou savânico); 3) Pesquisas de campo poderiam ser conduzidas junto às etnias apresentadas por Frikel, e apresentadas as obras do etnólogo aos descendentes das pessoas contatadas por ele, dessa forma, outras perspectivas poderiam surgir – um exemplo de trabalho como este é Mendonça (2020), que entrevistou Tiriyo descendentes das lideranças que fizeram o primeiro contato com Frikel, ao mesmo passo que realizou uma rica revisão bibliográfica dos missionários franciscanos e outras instituições atreladas a Frikel.

Ainda poderiam ser aplicados os resultados da presente pesquisa em políticas públicas e definição de projetos para fomento de uma agricultura resiliente, sustentável, com baixa pegada ecológica e emissão de carbono, em diversas comunidades tradicionais que se compatibilizem e se interessem pelo modelo. A agricultura do tipo extensivo itinerante (sinônimo de: agricultura itinerante; de corte, queima e coivara) é amplamente praticada ao redor do mundo, especialmente nas regiões tropicais, nas quais os solos apresentam limitações de fertilidade, e representa uma tecnologia ancestral que apresenta soluções a muitas outras dificuldades que estas regiões impõem à atividade. Análises detalhadas sobre este tipo de agricultura são encontradas em ISA (2017) e Ribeiro (2013).



Referências bibliográficas

FRIKEL, G. P. Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do rio Caeteté. **Revista do Museu Paulista**, v. XIV, n.s., p.145-158. 1963. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/biblio:frikel-1963-notas>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Agricultura dos índios Mundurukú. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova série Antropologia**. n. 4, jun. 1959. ISSN 0522-7291. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/866>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Os Xikrin: Equipamentos e Técnicas de Subsistência. **Publicações avulsas**, n. 7, 1968. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/893>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Dez anos de aculturação Tiriyo: 1960-70. **Publicações avulsas**, n. 16, 1971. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/895o>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Os Tiriyo: Seu sistema adaptativo. **Völkerkundliche Abhandlungen**, v. 5. 1973. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/biblio:frikel-1973-tiriyo>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Migração, guerra e sobrevivência Suiá. **Revista de Antropologia**, v. 17/20, n. 1, p. 105-136. 1969-1972. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/biblio:frikel-1969-1972>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Antropologia e Etnografia - Os Últimos Káyana. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 1, p. 7-34. 1966. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i1p7-34>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/45620>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Os Kaxúyana: notas etno-históricas, **Notas avulsas**, n. 14, 1970. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/biblio:frikel-1970-kaxuyana>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.

FRIKEL, P. Áreas de arboricultura pré-agrícola na Amazônia - Notas preliminares, **Revista de Antropologia**, v.21, n.1, p.45-52. 1978. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/biblio:frikel-1978-arboricultura>>. Acesso em: 22 de agosto. 2023.